



que contrasta com a planta do templo de Khonsu na p. 76 onde já surem correctamente os pilones. No entanto, esta planta do templo de Khonsu exhibe expressões que revelam desconhecimento da terminologia por parte do tradutor e do revisor: «sala do barco» em vez de sala da barca e o insólito «sancta sanctorum» aplicado ao santuário recôndito do templo.

Um indício de má organização gráfica do volume pode ser detectado na p. 76, que é dedicada à Época Baixa mas que apresenta em cima «O Império Novo». Por outro lado, inclui-se no capítulo dedicado ao «Período Greco-Romano», com o título de «A morte dos faraós», o fenómeno histórico que aqui é designado por «A chegada do mundo árabe», quando seria preferível criar um capítulo final para o advento do Islão no Egipto (p. 81). O desconhecimento de termos relativos ao Egipto muçulmano fica também patente com a opção por «fatimitas» em lugar de Fatímidas, nome de uma dinastia muçulmana que reinou no Egipto (969-1171) antes de Saladino, e o «sultanato ayubi» em vez do habitual aiúbida. Será ainda de rejeitar a passagem anómala da localidade de Cheikh Abd el-Gurna para «Xeique Abd el-Gurna» (p. 7).

Alguns dos erros vinham já no original espanhol, embora devesse caber à «revisão técnica» da Plátano a sua correcção: dizer que na Época Baixa, num contexto em que se alude à XXVI dinastia, «continuou-se a tradição das pirâmides» é grave (p. 77). Decerto é uma referência às longínquas pirâmides cuchitas de Meroé, mas o leitor menos avisado não se apercebe disso. Alarga-se estranhamente a tipologia dos aqui chamados *ushebtis* para todo o tipo de estatuetas de vários materiais da Época Baixa, numa abusiva interpretação destas típicas estatuetas funerárias (p. 77). Outro erro crasso detecta-se na p. 81 quando se vê a presença dos «califas abássidas» em vez dos omíadas (os abássidas são posteriores no Egipto). Quanto à gravura da p. 25 que é apresentada como um sarcófago de Tutankhamon não está correcta a legenda: não é um sarcófago mas sim um pequeno relicário de forma humana utilizado para guardar os pulmões embalsamados do monarca.

**Luís Manuel de Araújo**

**JOSEP CERVELLÓ AUTUORI (ed.),** *África Antigua. El antiguo Egipto, una civilización africana*, Aula Aegytiaca – Studia, 1, Barcelona, Aula Aegytiaca, 2001, 300 pp.

O dinamismo dos estudos egiptológicos em Barcelona e, de uma forma mais geral, na Catalunha, pode ser expresso pelas actividades da Societat Catalana d'Egiptologia, pela Fundació Arqueològica Clos (à qual

está ligado o Museu Egípcio de Barcelona) e também pela Fundació Aula Aegyptiaca. A esta pertenceu a iniciativa de criar uma nova colecção de temática egiptológica cujo primeiro número aqui apreciamos, e cujos textos constituem as actas da «IX Semana de Estudios Africanos del *Centre d'Estudis Africans* de Barcelona» (18-22 de Março de 1996). O director da Fundació Aula Aegyptiaca é Josep Cervelló Autuori, docente da Universidade Autònoma de Barcelona, que também é o editor deste volume, tendo como co-editores Marcelo Campagno e Montserrat Díaz de Cerio.

Jean Leclant, nome sonante da egiptologia francesa, é o autor do Prefácio (pp. 19-20), com o título de «Égyptologie et Africanisme», de onde sobressai o apelo para que os egiptólogos tenham consciência da importância que o estudo e o conhecimento de África podem trazer à sua investigação e para os africanistas não negligenciarem a documentação egiptológica.

A série de artigos inicia-se com Alain Anselin e «Les hiéroglyphes de l'architecture et l'histoire de l'Égypte antique (quatrième millénaire avant J.-C.)» (pp. 21-40), indo desde as premissas e fontes do discurso histórico à iconografia arquitectural patenteada nos signos hieroglíficos, apreciados nas suas formas circulares, capelas e túmulos, formas angulares e elementos da arquitectura.

Segue-se Francesca Berenguer Soto e o «Descubrimiento de una tumba real inédita en la necrópolis de Dyebel Barkal (Karima, Sudán)» (pp. 41-45), na sequência de trabalhos arqueológicos iniciados em 1995 que levaram à identificação de uma construção tumular numerada então «DB P-26» (Pirâmide nº 26) e que ainda hoje prosseguem sob a égide da Fundació Arqueològica Clos e com o apoio do Governo do Sudão e da Universidade de Barcelona, entre outras entidades.

Mubabinge Bilolo, do Centre d'Études Égyptologiques Cheikh Anta Diop (Institut Africain d'Études Prospectives, Kinshasa), tratou o tema «Isolement géo-culturel de l'Égypte par rapport à la Nubie: mensonge délibéré ou vérité historique?» (pp. 47-70). No artigo se afirma a permanência da cooperação egípcio-núbia (aqui «kemeto-nubienne») durante o Império Antigo, as riquezas da Núbia segundo as fontes do Império Antigo, a certeza de que a erecção das fortalezas meridionais no Império Médio nada têm de «tribalista ou de racista», sendo recordada a colonização do Alto Egipto pela Núbia em finais do Império Médio e na XXV dinastia cuchita. Segue-se a permanência de trocas culturais no período pré-dinástico e aquilo que o autor designa como «supremacia cultural da Núbia» fazendo com que a cultura faraónica seja um «produto das culturas cuchito-chadianas».

Em seguida Marcelo Campagno, da Universidade de Buenos Aires, interroga-se: «Regicidio ritual en Egipto? Reconsiderando el concepto de

sustrato» (pp. 71-80). Uma das conclusões refere a ausência de dados claros que permitam assinalar a existência do ritual que implicava a morte do rei, embora a hipótese constitua «uma ferramenta que merece ser valorizada». Por outro lado, se queremos eliminar o recurso simplista do difusionismo, o conceito de substrato proporciona-nos «uma ferramenta sumamente útil».

Josep Cervelló Autuori teceu sugestivas e muito interpelantes considerações sobre «Africanística, egiptologia, difusionismo y sustrato» (pp. 81-97), para concluir que a noção de substrato resulta muito operativa para explicar o controverso problema dos paralelismos entre o Egipto faraónico e o resto das civilizações africanas antigas ou modernas, e também é deveras útil para combater as ideias difusionistas que ainda persistem.

Montserrat Díaz de Cerio Juan apresentou «La necrópolis inédita de Dyebal Barkal (Sudán): aspectos de arqueología funeraria» (pp. 99-105), fazendo a descrição dos vários sepultamentos em diversos túmulos estudados pela Missão Arqueológica da Fundació Arqueològica Clos em Karima (Sudão), numa zona conhecida pela designação de Djebel Barkal. Merecem a atenção da autora duas novas pirâmides e uma série de tumbas não reais, as quais mostraram a existência de distintos tipos de enterramento.

Terence DuQuesne procurou vislumbrar «The God behind the Mask: Notes on the Human-animal-divine Interface in Egyptian and other African religions» (pp. 107-120), usando as faculdades que permitem ao filósofo e ao poeta proceder ao estudo comparativo do simbolismo das religiões. Assim armado, o autor perscruta as formas divinas cobertas com máscaras que abundam na iconografia egípcia (Anúbis, Hórus, Uepuauet, entre outras divindades), comparando-as com imagens de várias culturas africanas.

«The African Sources of Egyptian Culture and Language» são aqui equacionadas e comentadas por Christopher Ehret (pp. 121-128). O autor, que é docente na Universidade da Califórnia, Los Angeles, procura detectar as origens africanas da civilização egípcia fundamentando-se na documentação linguística vista como «democratic resource».

Emma González Gil, da Fundació Arqueològica Clos, apresentou um texto «Sobre la muerte en Egipto y África: creencias, mitos y símbolos» (pp. 129-138), procurando de forma consistente esboçar as linhas gerais de aspectos relacionados com a morte na África em geral e no Egipto em particular, partindo do princípio de que a finalidade é sempre a mesma: garantir a sobrevivência individual do falecido no Além e assegurar a continuidade do grupo sobre a terra.

O conservador do Museu Egípcio de Barcelona, Luis M. González, enumerou os «Resultados preliminares del proyecto de documentación y restauración de las pirámides del grupo norte (sector 1000) de Dyebel Barkal (Sudán)» (pp. 139-148). Os objectivos dos trabalhos, apoiados pela Fundació Arqueològica Clos, são a reunião de documentação e o restauro de dois grupos de pirâmides na zona sul de Djebel Barkal.

«Protomodernidad en Kémit?» foi a temática da intervenção de Ferran Iniesta, da Universidade de Barcelona (Centre d'Estudis Africans), insurgindo-se contra as opiniões dos «champollionianos» e agora também contra os elementos da «Escola de Dakar», que na esteira de Cheikh Anta Diop, cortaram com a «egiptologia oficial» mas que parece terem-se conluiado com ela em aspectos tão importantes como a da percepção cíclica ou progressista dos processos históricos. Opondo-se à ideia da «Escola de Dakar» de que a modernidade teve origem no Egito, o autor afirma que «Kémit no fue grande por su modernidad, que nunca tuvo, sino por su saber estar en el mundo de su época» (pp. 149-157).

Jean-Loïc Le Quellec apresentou «Las arts graphiques du Sahara et de l'Égypte ancienne: que comparer?» (pp. 159-177), baseando-se na análise dos discos que ornam as cabeças de bois e carneiros, as figuras em pose de Bés, estojos fálicos, cabeças decoradas com plumas, espirais isoladas ou associadas a animais selvagens, objectos curvos, barbas, armadilhas de caça, figuras humanas com cabeça de animal, bovinos duplos, etc. Tal análise permite concluir que existiu uma Pré-História comum do Egito e do Saara.

José Luis Menéndez Varela, docente da Universidade de Barcelona, falou de «La concepción no africana de Egipto en los albores de la historiografía» (pp. 179-186), a partir do texto clássico de Heródoto de Halicarnasso, que visitou o Egito em meados do século V a. C., então sob domínio persa.

«Reflexiones en torno a la etnogénesis y el sustrato cultural africano de las etnias prehispanicas de las islas Canarias» é o título da contribuição de Guillermo Alonso Meneses, da Universidade de Barcelona (Centre d'Estudis Africans), onde se maneja a noção de substrato cultural (africano) para detectar as óbvias relações entre os habitantes autóctones das Canárias e as sociedades berbere-amazigh (pp. 187-193).

Anna Montes, do Institut Catalá d'Antropologia, evocou «La circuncisión en el antiguo Egipto» (pp. 195-204), partindo do princípio de que a circuncisão como prática social pode responder a várias finalidades e ser expressada de diferentes formas, e que no Egito faraónico tal acto

tinha uma eficácia simbólica, se bem que fosse também conhecida a sua vantagem a nível fisiológico.

Coube a Alfred Muzzolini, do Institut de Géologie de Nancy, abordar «Les relations entre l'Égypte et le Sahara aux temps néolithiques» (pp. 205-217), concluindo que existiu um muito antigo fundo simbólico comum, e só a partir de cerca de 3000 a. C. (depois do Período Húmido Neolítico) se deu a ruptura entre o mundo nilótico e o mundo saariano.

Oum Ndigi apresentou «Gb/Qb/Gbgb/kòbá/kòbákòbá ou le nom identique du dieu de la terre et de l'oiseau créateur mythologique chez les Égyptiens et les Basaá du Cameroun: un cas typique de parenté cosmogonique» (pp. 219-000). O autor, docente da Universidade Lumière Lyon II e da Universidade de Yaoundé, Camarões, estabelece as relações que se podem detectar entre a língua egípcia e a língua basaá dos Camarões.

Albert Roca Álvarez, da Universidade de Lleida (Lérida) e da Universidade de Barcelona (Centre d'Estudis Africans), dissertou sobre «Continuidades y discontinuidades culturales en el África antigua: del método y de otras miserias» (pp. 237-253). O texto precedente motivou a réplica «Egiptólogos y africanistas. En polémica con Albert Roca Álvarez», a cargo de Marcelo Campagno (pp. 253-255).

Finalmente Helmut Satzinger concluiu com «Ancient Egyptian in the Context of African Languages» (pp. 257-265), enfatizando as relações entre o egípcio e o suahili, e exemplificando com quatro esquemas sintácticos de tipo não semita, partindo da noção de que a língua egípcia apresenta o elemento dependente numa segunda posição em relação ao elemento regente (Tu veneras/o deus Ré; A porta/do Além; O Ocidente/belo).

O volume, com textos de grande qualidade, fecha com um núcleo de ilustrações correspondentes a diversos artigos (pp. 267-298), seguindo-se o índice (pp. 299-300).

***Luís Manuel de Araújo***

**JOSEP CERVELLÓ AUTUORI e ALBERTO J. QUEVEDO ÁLVAREZ (eds.), ...Ir a buscar leña. Estudios dedicados al Prof. Jesús López, Aula Aegytiaca - Studia, 2, Barcelona, Aula Aegytiaca, 2001, 204 pp.**

O número 2 da série Aula Aegytiaca – Studia, é dedicado ao Professor Jesús López, figura notável e consagrada da egiptologia espanhola, «chargé de recherche» no CNRS de França, onde se jubilou em 1998, tendo ensinado com regularidade em Espanha, desde 1992.